

Poéticas modernas em expressão anglófona: destroços, fissuras e replicâncias

Manoel Barreto Júnior (UNEB/UnB)¹

RESUMO: Este artigo consiste em refletir sobre as relações e contingências de modernidade, na poética anglófona, por meio da eficácia estética da resignificação de palavras consideradas “malditas” que, como destroços, criam fissuras em torno do lento e contínuo processo de humanização. Para tanto, quando especulamos sobre as conjecturas dos destroços da humanidade, como elemento lírico, ponderamos sobre a ideia de resistência do gênero poético, sobretudo, quando este se nutre através da vida e suas possibilidades expressivas pelas replicâncias e representações ambivalentes por sentimentos/estados indesejados pela humanidade tais quais: solidão, melancolia, dor, medo, angústia, grito, morte, escuro, silêncio que atravessaram os séculos XIX e XX e ainda nos tomam em constante companhia, sobretudo, por potencializar as inúmeras formas do processo de humanização entre ironias, paradoxos e pensamentos do homem contemporâneo. Sob tais perspectivas, ao refletir a aparente desordem secular pela dicção poética de diversos escritores tais quais Emily Dickinson (1830-1886), Walt Whitman (1819-1892), Elizabeth Bishop (1911-1979), Maya Angelou (1928-2014), Simon Armitage (1961) entre outros que afetam, sobremaneira, o sentido a que se pode atribuir as expressões poéticas. Com efeito, as experiências de leitura, serão muito bem vindas ao que concerne à propriedade de revelar as substâncias de que são refletidas as composições, mesmo quando embaladas pelo sentimentalismo *piegas* e utópico dos amantes. Mas, principalmente, pela força dos engajados artífices das palavras, que, por vezes, se afastam da realidade exatamente para melhor decifrá-la.

Palavras-chave: Lírica moderna; Experiências contextuais de leitura; Humanização.

ABSTRACT: This article is to focus on the relationships and modernity of contingencies in anglophone poetry, through the aesthetic effectiveness of reframing considered words "cursed" that as wreckage, create cracks around the slow and continuous process of humanization. Therefore, when we speculate about the conjecture from the wreckage of humanity, as lyrical element, ponder the idea of resistance poetic genre, especially when this is nourished by life and its expressive possibilities by means of spared and ambivalent representations by feelings/ states such unwanted humanity which: loneliness, melancholy, pain, fear, anguish, crying, death, dark, silence that crossed the XX and XIX centuries and still take us in constant company, mainly, by enhancing the many forms of the humanization process between ironies, paradoxes and thoughts of contemporary man. Under these perspectives, reflecting the apparent secular disorder by the poetic diction of many writers such as Emily Dickinson (1830-1886), Walt Whitman (1819-1892), Elizabeth Bishop (1911-1979), Maya Angelou (1928-2014), Simon Armitage (1961) among others that affect greatly in the sense that you can assign the poetic expressions. Indeed, the reading experiences will be very welcome to respect the property reveal the substances that the compositions are reflected, even when packaged by slobbry sentimentality and utopian lovers. But, mainly, by the force of craftsmen engaged words, that sometimes diverge from the reality exactly to better decipher it.

Keywords: Modern Lyric; Contextual reading experience; Humanization.

*I Dwell in possibility
Emily Dickinson*

A proposição deste estudo se constitui na discussão sobre as relações e contingências do efeito estético das linguagens artísticas em torno do lento e contínuo

¹ Mestre em Estudos de Linguagem, Professor Auxiliar da UNEB - Universidade do Estado da Bahia, doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura da UnB – Universidade de Brasília. E-mail: mbjunior@uneb.br

processo de humanização, sobretudo, quando este se nutre através da arte poética e suas relações expressas com a modernidade literária.

No enalço destas temáticas em tempos em que o mundo parece cada vez mais reificado não há outra possibilidade de se pensar no processo de humanização, senão a partir do que lhe parece mais contraditório. Ou seja, através de sentimentos/estados antropomorfos indesejados e, prontamente, redimensionados através da dicção lírica sob a forma poética, que por sua vez, confirma no homem a sua humanidade, inclusive, porque atua em grande parte através de processos inconscientes. Fato que não se limita apenas a mera reconfiguração da realidade, pela lente do literário, mas que regula, ainda, o papel incongruente, porém humanizador potencializado da arte poética. Assim, através de destroços, a humanidade é recomposta a partir dum processo descontínuo de antropomorfização diante de uma sociedade coisificada e, por isso, cada vez mais indisponível aos humanos.

Aflorados tais pontos, o objetivo desta investigação orbita em problematizar as formas de resistência que a lírica moderna encontra para se fazer presente e atualizada, sobretudo, revitalizada nas mais diversas sociedades. No entanto, e de forma bastante peculiar, convém direcionar nossa discussão para a poética de expressão anglófona e seus empenhos transfiguradores, quando reflete a vida em sua totalidade.

Com efeito, fica a convicção de que para adentrar em terras insólitas se faz necessário “equipamentos” teóricos igualmente resistentes. Assim, acolhemos nossas intervenções teórico-metodológicas através dos postulados de György Lukács (1966b), Jaques Derrida (2005) e Octavio Paz (2012). De tal modo, nesta empreitada arqueológica, discutiremos as questões da representação da realidade, como reflexo estético da vida, a partir da missão desfetichizadora da arte a partir do processo de humanização. Nestas perspectivas, trataremos sobre as formas de resistência da linguagem (poética) entre as temporalidades; especialmente, em revista da expressão “da inutilidade útil da poesia” (BRASILEIRO, 2012). Neste instante, apreendida como o meio termo entre a ironia, como recurso semântico, bem como quando regulada como substância discursiva acionada pela alegoria do descaso despretensioso da expressão lírica, em presença das questões referenciais da modernidade. Ou seja, são apontamentos reflexivos que demandam atenção crítica, uma vez que os pressupostos teóricos seguirão por caminhos distintos,

dos quais pretendemos justapor, consensualmente, através de leituras contextuais através de poemas representativos de cada escritor.

Por esta razão, quando especulamos sobre as conjecturas dos escombros da humanidade, como elemento lírico, ponderamos sobre a ideia de resistência da poesia, nas sociedades atuais. Principalmente quando tensionada num processo comparativo com as narrativas, uma vez que aquela parece ser levada a reboque pelos seus admiradores, que a transmitem e a (re)apresentam entre os contemporâneos, inclusive, através de aparatos tecnológicos e centrífugos entre as palavras, as imagens e os sons. Aliás, um terreno fértil – como modo de resistência dos versos entre as mais diversas sociedades e temporalidades.

A constatação deste, fato implica pensar que mesmo a reboque, a arte poética sobrevive entre os subterfúgios e as ruínas de uma sociedade ensimesmada; que desacreditada de si apresenta-se a cada instante, reificada pela banalidade suscitada ao cotidiano. Entretanto, e, como estratégia de resistência, resta à poesia resignificar, como migalhas, as “palavras-degetos” que servem para nutrir e, principalmente, confirmar nos homens a sua visceral condição humana, diante de um mundo produzido por estes, mas a cada vez mais a estes indisponível.

A partir desta perspectiva o olhar os escritos poéticos são constituídos do que parece regurgitado pela civilização, mas que pela força da eficácia estética redimensiona, em versos, vocábulos indesejados tais quais: solidão, melancolia, dor, medo, angústia, grito, morte, escuro, silêncio entre tantas outras. De maneira a revelar a capacidade da expressão lírica e seus efeitos intersubjetivos que traduzem os reflexos da realidade, de maneira à incrivelmente potencializar as vivências e experiências humanas, em todas as suas dimensões ontológicas.

Necessária consequência do ponto de vista acima referido é a aproximação pela concepção poética que acentua a resistência pelos critérios contextuais e, portanto, provocadores de rupturas de todas as ordens. Afinal, os questionamentos dos poetas são, em graus diferenciados, os problemas do mundo. Por esta razão, regulamos nossa investigação pela representação da dicção poética de Emily Dickinson (1830-1886)², Walt Whitman (1819-1892), Elizabeth Bishop (1911-1979), Maya Angelou (1928-2014), Simon Armitage (1961) que mesmo entre temáticas diversas, motivações pessoais e as

2 Por estratégia discursiva, optamos por não seguir a cronologia sequencial dos poetas elencados.

possibilidades que o momento histórico lhes propiciaram; pelo trânsito no universo através das fissuras provocadas pelos elementos poéticos. Entretanto e, de modo algum, implica que o conjunto individual da obra de cada poeta deixe de se constituir uma unidade conceitual orgânica e sistêmica; uma vez que o corte temático beirará pelos caminhos, não menos contraditórios, de nossas experiências leitoras, impressas e correlatas através de recortes representativos. Por esta razão, quando empenhamos a condição “escombros”, na expressão poética, é, pois, entendemos que os mesmos representam uma espécie de alento da humanidade, que como matéria-poética desperta a consciência libertadora em tempos de vazios:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e desespero a alimenta. (PAZ, 2013, p. 21).

Contudo, a fruição dos poemas se sustenta da associação de alguns elementos poéticos que, de uma maneira ou de outra, é indesejada por boa parte das pessoas. Ocorrência pertinente ao diz respeito ao estado da melancolia nos tempos atuais, que indesejada por muitos é trabalhada pela profunda instabilidade semântica que, *per se*, e, ainda atualizada entre os mais diversos sujeitos históricos a aproxima das neuroses psicossociais ou a transtornos mentais, como a depressão ou o estresse - aliás, vocábulos altamente massificados na atualidade. Entretanto em conforme aos pensamentos de Freud (1976):

A correlação entre a melancolia e o luto parece ser justificada pelo quadro geral dessas duas condições. Além disso, as causas excitantes devidas a influências ambientais são, na medida em que podemos discerni-las, as mesmas para ambas as condições. [...] Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. (FREUD, 1976 p.7).

Porém, de modo algum, estes elementos deixem de validar uma unidade temática, só devemos, antes, nos entender acerca do caráter de sistematicidade da utilização destas “palavra-coisas”, de maneira que como matéria poética acabam por revelar a condição de destroços da humanidade, exatamente por ser negada por uns e acolhida por outros, que a transformam em alimento da alma, e a comungada ente os sobreviventes de um mundo coisificado, que vazio em aparência civilizatória serve tão logo aos efeitos arrebatadores da arte. Isso não significa que a existência do vazio, como em Emily Dickinson, deixe, pela ironia, de comunicar e problematizar a vida em todas as suas possibilidades cosmovisivas. A esta questão, Harold Bloom (1994, p. 384), aponta que [...] “*ser cego*” por escolha é deixar de ver o Vazio, que, em Emily Dickinson como em seus precursores masculinos, é uma figura para a crise poética”. Assim, quando em nos debruçamos no poema *From Blank to Blank* —:

From Blank to Blank—
A Threadless Way
I pushed Mechanic feet—
To stop—or perish—or advance—
Alike indifferent—

If end I gained
It ends beyond
Indefinite disclosed—
I shut my eyes—and groped as well
'Twas lighter—to be Blind—
Emily Dickinson³

De tal modo, através da eficácia estética, a poesia se aproxima da noção de antídoto, baseado no pensamento platônico quando articula que a linguagem pode ser um *phármakon*, que, por sua vez, tem uma acepção semântica que há muito nos interessa, a saber: como remédio e como veneno. Concernente a esta questão, afiança Derrida (2005), na obra *A farmácia de Platão* que a linguagem funcionaria como um remédio para o conhecimento:

[...] É preciso saber, com efeito, saber que Platão suspeita do *phármakon* em geral, mesmo quando se trata de drogas utilizadas com fins exclusivamente terapêuticos, mesmo se elas são manejadas com boas intenções, e mesmo se elas são eficazes como tais. Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode ser jamais simplesmente benéfico. Por duas razões e profundidades diferentes. Primeiro, porque a essência ou a

3 Emily Dickinson, “From Blank to Blank” In: BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 383.

virtude benéfica de um **phármakon** não o impede ser doloroso.
(DERRIDA, 2005, p. 46).

Por isso, quando Emily Dickinson trata do cotidiano através moderno “sentimento do mundo”, desenvolve surpreendentes conexões com o processo de produção artística, uma vez que alude pelo anseio de saúde interior (numa sociedade doente), pela qual as extremidades maniqueístas são ultrapassadas pelas razões múltiplas; assim sendo, a resistência das palavras, pela dicção poética, serve aos seres humanos, justamente pela maneira como capta e representa o mundo. Afinal, a conexão poética rebela-se através de sua conexão universal, de maneira a lançar possibilidades que transcendem as razões dos sujeitos históricos, uma vez que levanta novos questionamentos a criar interações extraordinárias com o eu-lírico em suas relações comunicativas com vários aspectos do mundo contemporâneo, que se fundem numa mesma linguagem (poética).

Great streets of silence led away
To neighborhoods of Pause --
Here was no Notice -- no Dissent
No universe -- no laws --

By clocks, 'twas Morning, and for Night
The bells at Distance called --
But epoch had no basis here
For period exhaled.
Emily Dickinson⁴

Assim compreendido é contrariada a lenda que orbita a fugura de Emily Dickinson como sendo “a grande reclusa”, pois, a seu modo, a poeta preenche a instabilidade dos vazios, revisitando à cidade de Amherst, as ruas, o silêncio, os vizinhos e o próprio cotidiano numa situação frutiva de modo a transpor interpretações passadistas, sem contudo negá-las. Afinal, pela constância presumida a qualquer remédio, a mesma poção que cura, também pode levar à morte, que, aliás, possui intensas e recorrentes retomadas na literatura ocidental. Entretanto, depois de filtrada pelos poetas a vida em sua totalidade, resegue influenciada e influenciadora do impossível cotidiano. Como bem aponta Bosi (1977):

[...] Quanto a poesia, parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos da paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender. A propaganda só “libera” o que dá lucro:

4 DICKINSON, Emily. **The complete poems of Emily Dickinson**. Boston: Little, Brown and Company, 1994, p. 330.

a imagem do sexo, por exemplo. [...] Essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive em um meio hostil ou surdo, não constituem o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente para existir no interior do processo capitalista. [...] A poesia reprimida, enxotada, avulsa de qualquer contexto, fecha-se em um autismo altivo; e só pensa em si, e fala de seus códigos mais secretos expõe o nu do esqueleto a que a reduziram, enlouquecida, faz de Narciso o último deus. (BOSI, 1997, p. 141-42).

Por isto é que em Whitman o homem destroçado, busca tensionamentos polifônicos com as matérias-poéticas, através do admirável reestabelecimento sensível perante a realidade; de maneira a sugerir caminhos alternativos para superação do caos. Assim, parafraseando Candido (2011), a produção artística “tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado”. Deste modo, em cada poema a relatividade é constituída pela infinita possibilidade de mensurações, algo articulado por acontecimentos que problematizam a vida em todas as suas instâncias como quem busca a pulsação da vida a cada instante do desenvolvimento histórico das sociedades. Articulações estéticas transpostas a partir dos ideais expressas em profundas celebrações emanadas ao longo da epopeia-interpessoal *song of myself* de Walt Whitman, sobretudo, no último terceto do capitalizado poema. Mas que se empenha em transfigurar a paisagem americana por um tom universalizante pelo idiossincrático - que intercambiável, agrega a qualquer apátrido:

Failing to fetch me at first keep encouraged,
Missing me one place search another,
I stop somewhere waiting for you.
Walt Whitman⁵

A consistência destes versos convida para uma caminhada, um voo absoluto da condição humana que se liga a certo “sentimento do mundo” – tão problematizado pela poética moderna, quando reflete e interpreta a realidade. Qualquer coisa próxima ao que acontece com no poema *The sleepers*, pelo qual a destruição do mundo é arrebatadora e fatal, pois a sensação que fica é a tentativa do eu-lírico em recompor o mundo dizimado pela guerra; que como metáfora desoladora do mundo, abre-se a infindas possibilidades interpretativas.

Por outro lado, não se exaurem os temas de uma humanidade que mesmo dizimada, reconfigura-se entre caminhantes sonâmbulos que vagam perplexos diante do

5 WHITMAN, Walt **Song of Myself** Disponível em: <http://jeanhuets.com/wp-content/uploads/2014/02/Song-1881.pdf> Acesso em 06 dez. 2014, p. 74.

tenebroso cenário da Guerra Civil norte-americana⁶, que representa a luta contra a parcela mais tradicional da burguesia nacional ligada ao escravagismo e ao latifúndio.

I wander all night in my vision
Stepping with light feet, swiftly and noiselessly stepping and stopping,
Bending with open eyes over the shut eyes of sleepers,
Wandering and confused, lost myself, ill-assorted, contradictory,
Pausing, gazing, bending, and stopping.

How solemn they look there stretch'd and still!
How quiet they breathe, the little children in the cradles!
[...]

Walt Whitman⁷

A energia dos versos de Whitman caminha exatamente em que para o poeta o absoluto e o relativo formam uma unidade possível da condição humana que se liga ao espaço, ao tempo e as circunstâncias, pois o mundo, ou o “sentimento deste mundo” reflete a realidade, quando capta a vida em sua totalidade e traz à tona uma situação existencial, coletiva e concreta, pelo advento da guerra, através da perspectiva individual. No entanto, a obra de Whitman permaneceu por muito tempo desconhecida na América, de modo que só começou a ser redescoberta na virada do século XX, com o advento do modernismo, em meados da década de 1920. Assim seus inovadores versos livres influenciaram toda a tradição poética no país, a partir de Ezra Pound, Gertrude Stein, William Carlos Williams, Allen Ginsberg entre outros.

Avançando pela linha do tempo em perspectiva de evolução sócio-histórica das sociedades, observamos que a melancolia para os tempos (pós)modernos como máscaras sociais que buscam de alguma maneira oxigenar, por vezes, as relações humanas em sua presença mundana. Aspectos próximos aos captados por Elizabeth Bishop, nos poemas *one art e insomnia*, que reflete as razões existenciais a partir da articulação de experiências humanas que são ainda indesejadas, malditas. Mas que trazem consigo possibilidades enriquecedoras, principalmente, quando refletidas pela necessidade humana do conhecimento a partir do que se é vivenciado – mesmo que por outrem.

⁶ Menção à Guerra Civil Americana (1861-1865).

⁷ WHITMAN, Walt. **Leaves of grass**. Disponível em: <http://www.bartleby.com/br/142.html> Acesso em 08 dez. 2014, p. 96.

One art

The art of losing isn't hard to master;
so many things seem filled with the intent
to be lost that their loss is no disaster,

Lose something every day. Accept the fluster
of lost door keys, the hour badly spent.
The art of losing isn't hard to master.

Then practice losing farther, losing faster:
places, and names, and where it was you meant
to travel. None of these will bring disaster.

I lost my mother's watch. And look! my last, or
next-to-last, of three loved houses went.
The art of losing isn't hard to master.

I lost two cities, lovely ones. And, vaster,
some realms I owned, two rivers, a continent.
I miss them, but it wasn't a disaster.

- Even losing you (the joking voice, a gesture
I love) I shan't have lied. It's evident
the art of losing's not too hard to master
though it may look like (Write it!) like disaster.

Elizabeth Bishop⁸

Uma harmonia lírica que é ativada pela palavra “desatre”. Contudo, é como se a palavra corte afagasse a nossa deliberada dificuldade de reconhecer a dor das perdas, através de um sopro de humanidade. A este ponto, Elizabeth Bishop parece ampliar os princípios fundamentais que se metaforizam nos escombros da vida afinal “*Life is too important to be taken seriously*”, como afiança Oscar Wilde (1854-1900). É claro que todo desenvolvimento do poema tem seu caráter intersubjetivo elevado pela arte. De modo que as matérias poéticas utilizadas permeiam perdas metafísicas, abstratas e materiais, através de um tom prosaico das coisas simples da vida que sugere um misto do estado melancólico ao estado de luto profundo refletindo ainda nuances do capitalismo americano. Entretanto, neste ponto, Bishop mostrou brilhante resiliência e força como contou momentos dolorosos em sua própria vida, como algo comum a outros humanos.

⁸ BISHOP, Elizabeth. **One art**. Disponível em:

http://www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/elizabeth_bishop_2004_9.pdf Acesso em 24 dez. 2014, p. 44.

Fato importante neste poema é sua habilidade de nos tornar incrivelmente semelhantes, inclusive, por incorporar as interferências dos aspectos da sociedade em experiências íntimas e necessárias de vida a partir do não desejado, pela evocação das perdas simples até as mais densas, as quais estamos expostos a cada instante:

Insomnia
The moon in the bureau mirror
looks out a million miles
(and perhaps with pride, at herself,
but she never, never smiles)
far and away beyond sleep, or
perhaps she's a daytime sleeper.

By the Universe deserted,
she'd tell it to go to hell,
and she'd find a body of water,
or a mirror, on which to dwell.
So wrap up care in a cobweb
and drop it down the well

into that world inverted
where left is always right,
where the shadows are really the body,
where we stay awake all night,
where the heavens are shallow as the sea
is now deep, and you love me.
Elizabeth Bishop⁹

Ao evidenciamos o princípio de nossa inquietação. Com efeito, quando fazemos um paralelismo entre estes poetas é por entendermos, que os mesmos, representativamente, articulam os elementos poéticos pelo reparo constante de uma humanidade destroçada, mas sobrevivente.

Mas com isso não se exaurem as formas intersubjetivas de reações ou que a resistência lírica que, aliás, pode ser de extraordinária valia, uma vez que se apropria do sentimento niilista para recompor a realidade, pois a poesia é no fundo uma crítica à própria vida. Afinal, tão importante quanto a expressão da arte é o seu caráter espontaneamente dialético, que por natureza opera dentro dos critérios de interações, mesmo que norteado

9 BISHOP, Elizabeth. **Insomnia**. Disponível em:
http://www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/elizabeth_bishop_2004_9.pdf Acesso em 24 dez. 2014, p. 27.

pelos caminhos tortuosos de elementos intensos, que podem assustar. No entanto, a lógica se dá pelo afastamento do poeta que colhe os dejetos da humanidade a fim de provocar aproximações necessárias para reconstrução de um mundo ameno as condições suportáveis. [...] (LUKÁCS, 2012, p. 397)¹⁰.

Entretanto, com isso não se exaurem as formas intersubjetivas de reações ou que a resistência lírica que, aliás, pode ser de extraordinária valia, uma vez que se apropria do sentimento impotência diante da vida e seus descaminhos. Por tal inferência de leitura, de alguma maneira, é alcança a eficácia estética da lírica moderna ao representar a necessidade do processo de antropomorfização do mundo que conforme os apontamentos de Lukács (1966), um movimento desconcertante precisamente por ultrapassar os quereres individuais de modo a amplificá-los em ecos universais. Afinal, como adiantamos os poetas refletem em seus versos as questões do mundo, pois eles também compõem o mundo. De tal maneira, Dickison, Whitman e Bishop, redimensiona a realidade pelo desnude de categorias reificadas, que amiúde, teimam em aprisionar os homens nos escombros da realidade através do caos que atende pelo nome de presente.

Ainda em combate ao processo de desantropomorfização do mundo e, ainda para rebater as acusações de que não “falei das flores”, blindamos as sanções dos amantes da contemporaneidade, quando convocamos o poeta britânico Simon Armitage, que tem uma obra com um título bastante sugestivo, para nossa investigação *The shout*, uma vez que exprime esta condição de palavras-destroço da humanização através do poema homônimo que fala por si na representação do cotidiano entre os polos de regularidade:

We went out
into the school yard together, me and the boy
whose name and face
I don't remember. We were testing the range
of the human voice:
he had to shout for all he was worth
I had to raise an arm
from across the divide to signal back
that the sound had carried.
He called from over the park – I lifted an arm.
Out of bounds,
he yelled from the end of the road,

10 Livre tradução. In: La misión desfeticizadora del arte. Vide referências.

from the foot of the hill,
from beyond the look-out post of Fretwell's Farm –
I lifted an arm.
He left town, went on to be twenty years dead
with a gunshot hole
in the roof of his mouth, in Western Australia.
Boy with the name and face I don't remember,
you can stop shouting now, I can still hear you.
Armitage¹¹

Seguindo nossos propósitos, a dicção poética de Maya Angelou, em matéria de reaproveitamento dos dejetos da humanidade, tem uma forma bastante peculiar; convém, portanto, demonstrar a sua necessidade pela reconstrução do mundo que obedece ao fluxo que descreve a humanidade em suas tragédias, conquistas e exaltações. Inclusive, as experiências pessoais articulam a representação da mulher negra estadunidense que, em tempos (pós)-modernos, busca os aspectos do real de maneira a dá voz a *personas* emblemáticas e suas capacidades de restaurar a vida, a partir dos destroços criados pela própria humanidade por meio de figuras tais quais: a bêbada, a louca, a poeta e, incrivelmente, a sobrevivente; que, contrariamente, em paráfrase a Candido (1988), efetivam os traços de humanização por meio do processo que confirma nos indivíduos traços necessário da condição humana, pela disposição ao próximo, aquisição do saber, afinamento das emoções, senso de beleza e, ainda, a percepção da complexidade do mundo e, principalmente, dos seus viventes. Características cada vez mais indisponíveis e abordadas amplamente em poemas de Angelou como: *Remembering, When I Think about myself, Faces* entre outros.

Faces and more remember
Then reject
The brown caramel days of youth.
Reject the sum-sucked tit of
Childhood mornings.
Poke a muzzle of war in the trust-frozen eyes of favored doll
Breathe, Brother,
And displace a moment's hate with organized Love.
A poet screams "CHRIST WAITS AT THE SUBWAY!"
But who sees?
Maya Angelou¹²

11 ARMITAGE, Simon. **The shout** – selected poems. Alfred A. Knopf: New York, 2012, p. 3.

12 ANGELOU, Maya. *Faces* In: **The complete collected poems of Maya Angelou**. Random House: New York, 1994, p. 223.

Acontece, porém, que estas descrições em Armitage e Angelou constituem o reconhecimento a que a estética contemporânea só chegou depois de ter alcançado madura consciência da arte através de seu efeito estético, capaz de replicar as fissuras dos sentimentos/estados antropomorfos pela alegoria de escombros da humanidade, por seu caráter de desprezo e inutilidade por revigorar elementos líricos, revelando a grandeza e a leve cosmovisão em proteger a integridade da condição humana.

A poesia, é claro não salva coisa alguma. Nem está realmente aí para isto. Nossa intenção foi tão só a de alertar para a possibilidade de um ainda maior enclausuramento dos homens em sua cegueira. Presos por assim dizer, do lado de fora. Mas foi também nosso propósito reafirmar aos poetas que são eles que estão livres. (BRASILEIRO, 2012, p. 145).

Assim compreendido, o processo de humanização, pela eficácia estética dos elementos poéticos, inteiramente resignificados pelos poetas, se nos apresenta como possibilidade de recriarmos a vida, através de infindas dimensões interpretativas. Fato que mostra como natural a base orgânica que experimenta a linguagem como *phármakon*; pela busca de respostas e aspirações conciliadoras, mediadas pelos arrebatamentos provocados pelo uso estético da linguagem. Estratégias discursivas que, aliás, serão muito bem vindas ao que concerne à propriedade de revelar as substâncias de que são feitas as composições poéticas, mesmo quando embalada pelo sentimentalismo *piegas* e utópico dos amantes ingênuos. Mas, sobretudo, pela força dos engajados artífices das palavras, que, por vezes, se afastam da realidade efetivamente para decifrá-la. De modo a potencializar as estratégias estéticas da linguagem (poética), que se revelam balsâmicas, pela sensível capacidade perceptiva, de que se existem escombros da humanidade, há feridos de toda sorte.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **The complete collected poems of Maya Angelou**. Random House: New York, 1994.

ARMITAGE, Simon. **The shout** – selected poems. Alfred A. Knopf: New York, 2012.

BISHOP, Elizabeth. **Elizabeth Bishop poems – Classic poetry**. Disponível BISHOP, Elizabeth. One art. Disponível em

http://www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/elizabeth_bishop_2004_9.pdf Acesso em 24 dez. 2014.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.

CANDIDO, Antônio. "Direito a literatura". In: **Outros escritos**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2012.

_____. Letras e ideias no período colonial. In: **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Tradução: Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DICKINSON, Emily. **The complete poems of Emily Dickinson**. Boston: Little, Brown and Company, 1994.

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e melancolia. In: **Obras completas de Sigmund Freud** vol.14. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

LUKÁCS, Georg. Problemas de la mimesis. La Genesis del reflejo estético. In: **Estética**. Barcelona: Grijalbo, 1966 p. 7-104 – v. I.

_____. **Marxismo e teoria da literatura**; seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ed – São Paulo: Expressão popular, 2010.

_____. La mision desfetichizadora del arte. In: **Estética – Tomo I**, 2012.

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. Publicado em SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.157-172.

WHITMAN, Walt. **Song of Myself** Disponível em: <http://jeanhuets.com/wp-content/uploads/2014/02/Song-1881.pdf> Acesso em 06 dez. 2014.

WHITMAN, Walt. **Leaves of grass**. Disponível em: <http://www.bartleby.com/br/142.html> Acesso em 08 dez. 2014.